

“O pai do romance paulista” e “o precursor do romance da escravidão”

O presente estudo tem como objeto o primeiro escritor de renome no Vale do Paraíba: Vicente Felix de Castro. Um talento que permanece desconhecido do grande público. Os dados biográficos disponíveis sobre o romancista são muito escassos e por vezes contraditórios. O trabalho feito com a intenção de tornar conhecido aspectos da vida e da sua produção literária nota-se claramente que a grande herança deixada pelo primeiro grande escritor do Vale do Paraíba foi a sua enorme contribuição para a literatura nacional. Quer pela quantidade de obras publicadas entre os anos de 1859 a 1873 e conhecidas entre nós, ou seja, três romances publicados em jornais, quatro livros, um deles em quatro volumes, um romance ainda desconhecido e o artigo sobre a Revolução de 1842. Quer também e principalmente pelo ineditismo e repercussão que teve em sua época a ponto de ser conhecido como “O pai do romance paulista” e “o precursor do romance da escravidão”

No alvorecer da literatura nacional o jovem escritor do Vale do Paraíba, residente na cidade de Silveiras, Vicente Felix de Castro tornou-se famoso e reconhecido pela crítica da época.

Antes de publicar “Os homens de sangue ou os sofrimentos da escravidão” ele já havia publicado o livro “Mistério da Roça”, em 1861, em quatro volumes. Livro apresentado ao público por Joaquim Manoel de Macedo e que lhe rendeu ser considerado “o pai do romance paulista”.

No entanto, ele continua desconhecido do grande público. Os dados biográficos disponíveis sobre o romancista são muito escassos e por vezes contraditórios. Para a maioria dos pesquisadores e especialistas na área ele nasceu em Silveiras. No Dicionário Bibliographico Brasileiro de Sacramento Blake, o autor afirma que ele nasceu em Areias, no Estado de São Paulo. (1) Existem dúvidas também quanto ao ano de seu nascimento. Os dicionários apontam o ano de 1822, enquanto o próprio escritor, em artigo publicado no Almanaque de São Paulo, afirma ter nascido no ano de 1826. A sua morte também permanecia desconhecida.

A sua terra: Silveiras

Vicente Felix de Castro é um escritor silveirense. Nasceu na então Vila de Areias e ainda muito criança foi com a família para a vizinha Silveiras. A sua existência esteve sempre ligada à cidade onde cresceu, casou por duas vezes, exerceu o cargo de tabelião, de escrivão público da cidade. Alí manteve relacionamento com personagens da corte e da cidade de São Paulo. Colaborou na imprensa da época, notadamente no Almanaque Literário, de José Maria Lisboa. Lançou, em Silveiras, o jornal Aurora. Ajudou a fundar na Capital A Província de São Paulo, depois o jornal O Estado de São Paulo.

Pela quantidade e qualidade de sua obra literária foi considerado, segundo o historiador Carlos Eugênio Marcondes de Moura, “um dos pioneiros da literatura regional paulista”. O seu romance de costume Mistérios da Roça foi considerado por João Ribeiro “obra de real valor para a história e a literatura de São Paulo.” Brito Broca destacou a sua importância e o valor da publicação de um de seus romances em quatro volumes, mas o denominou, devido às suas origens, um “pobre e humilde escritor da roça.” Um autêntico escritor provinciano.

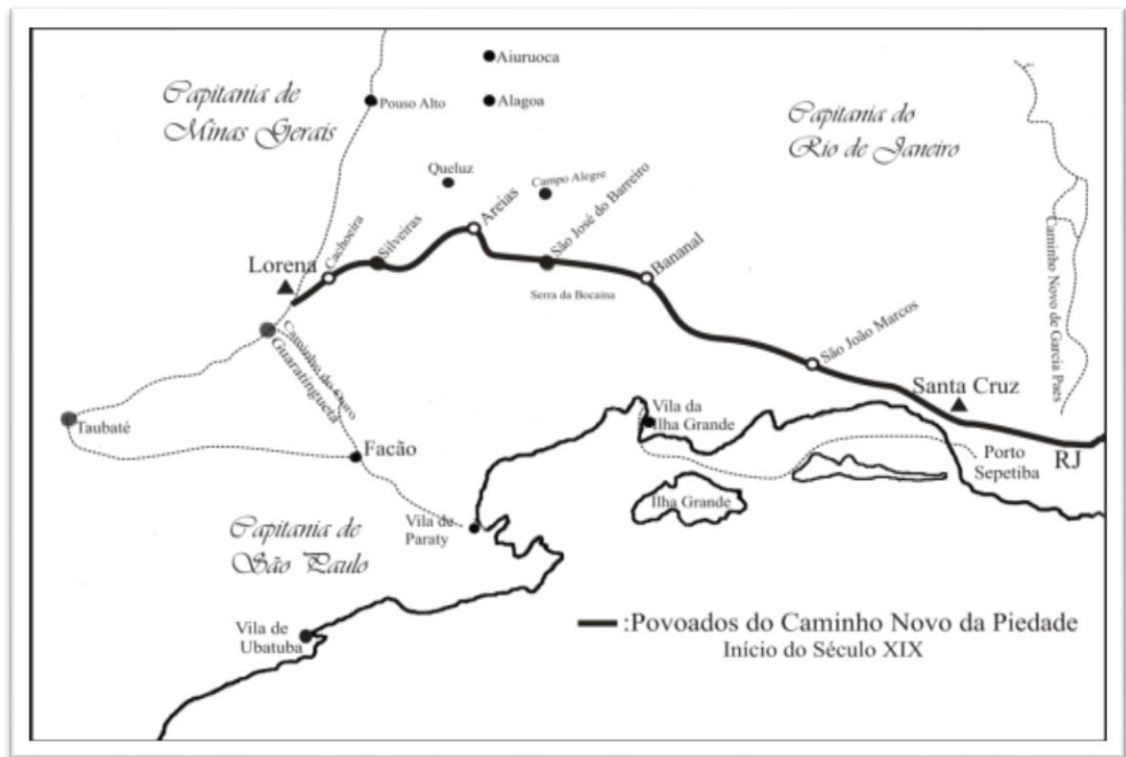
A sua Silveiras nasceu em torno do “Rancho dos Silveiras”, localizado às margens do Caminho novo da Piedade, concluído no ano de 1778. Um novo caminho que ligava a então Vila de Lorena à cidade do Rio de Janeiro e facilitava a comunicação entre as três das mais prósperas capitanias da colônia ajudava no combate ao contrabando de metais preciosos e no desenvolvimento do comércio intraregional.

Como resultado, as terras além da vila de Lorena, consideradas como sertão por quase todo século XVIII, na primeira e segunda década do século seguinte, estavam sendo ativamente desflorestadas pelas lavouras de café, milho, feijão, com a criação de gado e de cavalos, quer em território paulista, como no fluminense.

Na variedade da paisagem despontaram lugares como espaço de sobrevivência, de experiências, de práticas sociais e de manifestações culturais. Entre eles o Bairro de Silveiras que, devido ao seu crescimento, foi elevado à categoria de freguesia em 9 de dezembro de 1930.

O desenvolvimento do comércio de abastecimento do Rio de Janeiro e a “interiorização da metrópole” tiveram peso preponderante no interior da sociedade valeparaibana próxima à cidade do Rio de Janeiro. A presença da Corte aprofundou a integração comercial no Centro-Sul. As exportações da capitania paulista, mineira e do interior

fluminense passaram a ter como destino final o abastecimento da cidade do Rio de Janeiro para suprir as suas necessidades crescentes.



A região cortada pela Estrada Real: Caminho Novo da Piedade e os lugares nascentes no início do século XIX

Nesta conjuntura, o território cortado pela Estrada Real Caminho Novo da Piedade, por centralizar suas atividades econômicas ligadas à produção e comercialização do café, prosperou, aumentou a sua população, teve organizada sua rede urbana e alcançou posição de prestígio e destaque na vida política do Império brasileiro. (2)

A família Felix de Castro

Atraídos pelas riquezas das novas terras, a família Felix de Castro deixou o bairro do Mundeio em Areias e se instalou no bairro dos Silveiras, Nele fixou residência e passou a se dedicar ao comércio e a múltiplas atividades, participando ativamente, desde então, do desenvolvimento local.

O padre Manoel Felix de Oliveira, irmão mais velho de toda irmandade, foi designado para ser o primeiro padre da nascente freguesia. Com eles vieram os irmãos nascidos em Areias: Cândido, Antônio, Leopoldina, Ana e o futuro escritor Vicente. Eram filhos de Francisco Felix de Oliveira. (3)

Os Felix de Castro tornaram-se importantes em Silveiras, notabilizados pelas atividades comerciais e urbanas, pelo culto às letras e pela participação no comando da Revolução Liberal de 1842.

Eram pessoas dinâmicas e empreendedoras. Viviam na cidade, eram letrados, inquietos e com fortes tendências liberais. Mantinham correspondência com a Corte, com a capital da Província.

O irmão Francisco Felix de Castro foi eleito vereador na primeira eleição do município, em 1842. Rico comerciante, tido como aquele que “bate o compasso em tudo”, faleceu em Silveiras em 1872. O padre Manoel Felix de Castro construiu com seus familiares o teatro que tanta vida deu à cidade. Emílio Zaluar assim o descreveu no início dos anos 60: “Silveiras possui um teatrinho regular que é propriedade do Sr. Capitão Felix de Castro. É uma das úteis distrações do lugar e aí representam mensalmente alguns curiosos. A sua guarda roupa é excelente”.

Também criaram o chafariz que emprestou o nome à praça do mesmo nome e cujo trabalho de encanamento da água ficou a cargo de Francisco Felix. Foram os doadores do terreno para a construção do cemitério municipal e construíram no seu interior a capela de N. S. do Carmo, onde foram enterrados os corpos dos Felix de Castro e Felix de Oliveira.

Realizaram escavações no município, como atesta a notícia vinculada no jornal da capital da Província, o Correio da Tarde, comunicando que os irmãos Felix de Castro encontraram, depois de algumas escavações, um pequeno cemitério com ossos com pote de barro dos índios coroados. Outro irmão, Ernesto Félix de Castro, abriu na cidade de Silveiras, a “Fotografia Silveirense”, um ano após o estabelecimento de Robin&Fabreau, pioneiros da fotografia no Vale do Paraíba.

Os Felix de Castro participaram da campanha da abolição da escravatura e da organização do Partido Republicano.

O envolvimento nos conflitos de 1842

A infância de Vicente e seus irmãos presume-se ter sido tranquila no pequeno e nascente burgo. Porém, no ano de 1842 acontecimentos marcariam indelevelmente a vida do lugar e a de Vicente Felix de Castro.

Silveiras elevada à categoria de vila no mês de fevereiro viveria momentos de tensão, pânico, mortes e perseguições durante os meses de junho e julho. A família Felix esteve envolvida diretamente. O pai de Vicente, Francisco Felix, e seus irmãos Francisco e Manoel Felix, ao lado do Tenente Anacleto Ferreira Pinto e outros liberais do local lideraram o movimento armado da revolta de 1842.

Em artigo escrito em 1872, trinta anos depois, os acontecimentos estavam bem vivos na memória de Vicente Felix. Com certa distância favorecida pelo tempo descreve os acontecimentos como “quadro negro por nós presenciado, quando ainda contamos 15 anos.”

(4) Uma revolução que, como escreveu, aconteceu por causas políticas e partidárias.

No cenário político do Império brasileiro os embates entre conservadores e liberais provocaram uma série de divergências, originando o Movimento Liberal ocorrido no ano de 1842, o qual se inscreve no quadro das rebeliões ocorridas no período regencial e no início do 2º Reinado. Foi constituído por uma série de revoltas sucessivas caracterizadas pela fraca organização, falta de comunicação e articulação dos rebeldes, inexistência de recursos militares adequados e rápida e violenta repressão do governo central. O movimento se estendeu por três meses, durante os quais ocorreram deslocamento de tropas, combates, tensão, medo, perseguições, violências e, finalmente, a acomodação. Teve início em Sorocaba, em 17 de maio, sob o comando de Rafael Tobias de Aguiar, e terminou nesta região em 20 de junho, com a entrada de Caxias em Sorocaba. No Vale do Paraíba Paulista teve início em 1º de junho em Lorena, atingindo Silveiras, Queluz e Areias. Terminou a 12 de junho com o “Combate das Trincheiras”. O último foco ocorreu em Minas Gerais. Ali o movimento teve início em 10 de junho, estendendo-se por importantes cidades mineiras, terminando em 20 de agosto após a derrota definitiva dos liberais no “Combate de Santa Luzia”.(5)

Se a revolta dos liberais no Vale do Paraíba Paulista começou em Lorena, foi em Silveiras que ocorreram os mais importantes episódios do movimento. Criou-se um clima de guerra. Por toda diminuta Vila passavam homens com seus ponchos e armas, preparando-se para o desfecho do conflito e das divergências internas. Bebia-se muito aguardente, falava-se

das leis bárbaras promulgadas pelos conservadores e da caçada aos “caras”, apelido pejorativo dado pelos liberais aos conservadores.

Maior que as discordâncias políticas eram as divergências locais. Os líderes liberais, entre os quais figuravam os Felix de Castro, eram inimigos políticos, (como consta em processo de 1841, de Manuel José da Silveira, um dos esteios do Partido Conservador no local, descendente de antigos povoadores da região.

Vicente Felix descreve o inimigo político de sua família como “homem sem instrução, quase analfabeto, inimizado em todo município por causa do caráter iracundo, vingativo e intolerante.” Fato confirmado em outros estudos sobre este episódio. De tal forma que os habitantes de Silveiras, que pertenciam ao partido liberal, “tomados de pânico, viam na autoridade, que até então era o mandão do lugar, um dos espíritos mais vingativos, que pelo ódio ou rancor que votava aos seus contrários, alimentava o desejo de ver correr o sangue de seus concidadãos.”

Com a sua nomeação para o cargo de subdelegado da cidade e a proibição dos liberais, denominados de “chimangos”, para que não ocorresse a sua posse os ânimos ficaram acirrados. Os liberais tentando por um lado impedir a sua posse e por outro lado o Capitão Manoel José insistindo em ir a Vila de Lorena para ser empossado no cargo. Isto resultou em perseguições e emboscada ao longo do Caminho Novo da Piedade. Como resultado, como recordou Vicente Felix, “um processo por crime de sedição, tendo por cabeças o padre Manoel Felix, tenente Anacleto Ferreira Pinto, Francisco Felix pai, Francisco Felix filho e outros membros do partido liberal, deu motivo ao rompimento da revolução.”



Casa de Manoel José da Silveira.

Local dos acontecimentos de 12/6/1842. Hoje em ruínas.

Silveiras tornou-se uma praça de guerra. Até que no dia 12 de junho de 1842 as tropas liberais cercaram a casa de Manoel José da Silveira e apesar das tentativas de conciliação o episódio acabou em tragédia. O capitão Manoel foi morto. Os liberais saíam vencedores e dominaram a cidade. No entanto, como escreve Vicente Felix, “e nesse dia 12 de junho enlutou Silveiras. O sangue de seus filhos regou o solo virgem.” E completa, o capitão Silveira “fora vítima do seu orgulho e intolerância, sucumbindo por uma descarga, que lhe deram homens enfurecidos, quais tigres, sedentos de sangue, e reduzindo o corpo do desgraçado a uma massa disforme de carne”.

O conflito se aprofundou e o confronto direto entre as tropas legais enviadas pelo governo imperial e dos liberais não tardaria a acontecer. No final do mês de junho, entre os dias 21 e 23, ocorreram os primeiros combates próximos à cidade de Areias. Os Permanentes são contidos e os revoltosos permanecem em uma fazenda próxima à Vila: a Fazenda São Domingos, entre Areias e Silveiras. A 24 de junho o Major Pedro Paulo, comandante dos Permanentes, ataca de surpresa e os revoltosos foram debandados. Inclusive o seu chefe, “o Padre Manuel Theotônio, que fugiu numa besta, levando na garupa um Companheiro”.

As tropas revolucionárias concentram-se a partir de então em Silveiras, onde se dá o último e sangrento combate. Em 12 de julho as tropas dos liberais entrincheiraram-se nas proximidades da Vila, em torno dos morros. Tratava-se no local o violento “combate das Trincheiras”. De um lado, as tropas dos revoltosos e, de outro, as tropas do Coronel Manuel da Silva, que já havia ocupado e imposto a ordem em Lorena. Depois de algumas horas de luta os legais dominaram o sítio estratégico e os rebeldes abandonaram as “trincheiras”. Ao findar o combate existiam 8 mortos e 19 feridos entre os governamentais e 48 mortos e 19 feridos dos aproximadamente 600 combatentes liberais que lá se encontravam sob o comando do tenente Anacleto Ferreira Pinto. Os rebeldes de Silveiras, por oferecerem resistência, pagaram caro pela sua audácia e assim foram destroçados pelas tropas legais.

Após o combate seguiram-se cenas de saques e perseguições. A repressão governamental foi violenta. No dia 12 o Coronel Manuel Antônio concede a seus soldados “um saque sem prazo”. No dia seguinte, o batalhão de Fuzileiros chega de Areias e novo saque se realiza. “Os tecidos de Francisco Felix de Castro que estavam escondidos e enfardados no sítio da dona Ana Bueno de Siqueira foram abertos pelos fuzileiros e repartidos entre eles; ao mesmo tempo que saqueavam as casas das redondezas.” (6)

Os Felix de Castro sofreram com os saques. Quando os liberais voltaram ao poder no país foi feito um pedido de indenização pelos saques sofridos, que somados chegavam a mais de 20 mil contos de reis. Os prejuízos foram assim arrolados: Francisco Félix de Castro: valor de 17:950\$000, Manoel Félix de Oliveira: no valor de 1:729\$440 e Francisco Félix de Oliveira: no valor de 1:440\$400.

Devido a estes acontecimentos, o fazendeiro Manoel Elpídio de Queiroz, quando passou por Silveiras em 1857 escreveu: “..chegamos à desgraçada Vila de Silveiras, pois deve o ser desgraçada ao seu espírito liberal. Em 1842 sofreu um saque de que até hoje se recente a povoação... Nada pode tornar Silveiras notável, senão o espírito liberal que ahy reina”. (6)

Após os saques começou a caçada aos líderes do movimento. Entre os considerados “cabeças da rebelião”, no processo crime instaurado pelo Poder Central, estavam arrolados diversos padres da região do Vale do Paraíba Paulista. Dentre os citados como réus apareciam os nomes dos padres: Manuel Theotônio de Castro, de Lorena, Manuel Felix de Oliveira, de Silveiras; e, Germano Felix de Oliveira, de Queluz. Nos meses seguintes os líderes e membros do movimento foram presos e perseguidos. As pessoas “graúdas” da terra foram sendo preservadas e poupadas, o quanto possível, mantendo-se foragidas pelas matas e fazendas da região, acobertadas por cúmplices – como denunciava o subdelegado José Carlos Epifânio da Silveira ao presidente da província. E, continuava a denúncia: “... o Alferes Francisco Lescura Banher conserva alguns criminosos em sua Fazenda, comprometidos na rebelião Manoel Felix de Oliveira, Francisco Felix de Castro, e outros, devendo ser infalivelmente capturados, até quanto pelo apoio que lhes ministra o dicto Alferes Lescura, chegão até a vagarem pelas estradas, levando a pouco caso que fazem das Autoridades a tal grau que o mesmo Vigário tem celebrado Missas em a Fazenda deste Lescura, com assistencia de muitos de seos aggregados”...(8)

Francisco Felix de Oliveira, a esposa, o padre Manoel Felix e os demais filhos foram realmente se ocultar nas matas da fazenda do alferes Lescura. Sobre o que registra Vicente Felix: “que tiveram a generosidade, patriotismo e coragem de dar nessas matas um asylo seguro a essa família” a quem tinha toda amizade e admiração. E confirma em seu artigo: “Nós, também, ahi estivemos alguns dias: porém como meninos que éramos, só tínhamos prazer em contemplar os passarinhos em seus canticos ao arraiar da aurora, e as águas do Parahyba, que perto d’alli se rolavam mansamente. Não pensávamos no futuro. Tudo estava bem.” (9)

As dificuldades da família e os desencantos com a derrota sofrida se agravaram quando, nesse esconderijo, Francisco Felix de Oliveira “nosso bom e extremoso pae, adquirira uma grave enfermidade” da qual viria a falecer meses depois na sua casa da Vila de Silveiras.

A anistia aos revoltosos não tardou a acontecer. A política a nível nacional caminhou para a “conciliação”. Já em 1843, o Padre Manoel Felix de Oliveira foi reconduzido ao posto de vigário da cidade. Os chefes do partido liberal voltaram as suas casas e retomaram o poder político local.

O envolvimento de Vicente Felix nos acontecimentos de 1842 repercutiu em toda sua vida. Restou o orgulho da coragem, do sonho pela liberdade. Sentimento expresso ao final de seu artigo ao escrever: “é por este motivo mesmo que este município deve merecer a estima de todos quantos amarem a liberdade, de todos quantos presarem o nome de paulista.” (10) Sentimento que passou a expressar nos textos dos documentos ainda encontrados no cartório de Silveiras. Como tabelião, ao redigir as escrituras e outros documentos demonstrava seu bairrismo ao escrever: dado e passado na cidade de Silveiras, a primeira da Província de São Paulo.

O escritor

Vicente Felix de Castro casou ainda muito jovem. O seu primeiro casamento foi, provavelmente, realizado no ano de 1843. Pouco se sabe sobre o mesmo. Apenas que sua esposa era filha do fazendeiro Fernando José de Oliveira Leite, por quem tinha muita estima e a quem dedicou um de seus romances. Deste casamento foram gerados quatro filhos: Francisco de Oliveira Castro, nascido em 1844, Ernesto Castro, em 1848, Vicentina, nascida em 1856, e Anna de Castro, nascida em 1859.

Na segunda metade do século XIX aparecem as suas primeiras publicações: Flor da Terra ou Os dois Casamentos, publicada no jornal Correio da Tarde no Rio de Janeiro em 1859; Eloisa ou a Filha do Mistério, publicada em Guaratinguetá em fins de 1859 e início de 1860; Hortênsia ou Os Amores de um pintor, publicada no Rio de Janeiro entre 22 de novembro de 1859 a 3 de janeiro de 1860 e Ernestina, publicada no jornal O Mosaico em Guaratinguetá.

No ano de 1861 lança um dos mais importantes romances, intitulado Os Mystérios da Roça. Obra em quatro volumes editado pela typographia Comercial de V. R. da Fonseca, que se encontrava na Rua Verde, n. 27, na cidade de Guaratinguetá. No final do livro o autor anunciava um novo romance (continuação de Os mystérios da roça): A herança usurpada. Na primeira dedica o livro para os seus irmãos e amigos: Francisco Felix de Castro, Reverendo Antônio de Oliveira Castro, Cândido de Oliveira Castro e João Felix de Oliveira Castro e para seu sogro Fernando José de Oliveira Leite.

O encontro com Zaluar na encantada Silveiras

No início dos anos 60 Vicente Felix trava conhecimento com o escritor português radicado no Brasil em sua passagem pela que chamou de “encantada Vila de Silveiras”.

Silveiras neste tempo se encontrava no auge da produção cafeeira e era considerada como um dos municípios mais ricos do Vale do Paraíba. Zaluar, no entanto, observou problemas com a produção agrícola tanto do café como de outros gêneros alimentícios, que naquele ano mal dava para o consumo local. Nele havia preocupação com a educação, contava com a presença de escola de instrução primária, para o sexo masculino e feminino e uma escola secundária onde estudavam dez alunos.

A cidade tinha cento e tantas casas e era formada por várias ruas e por três praças: a da Matriz, a da Casa da Câmara e a da Cadeia e uma terceira adornada por um pequeno, mas singelo e bonito chafariz”. Nesta última estavam o estabelecimento comercial e as casas dos Felix de Castro e de Vicente, o escritor provinciano. Nela ficou hospedado Zaluar na residência do Capitão Francisco Félix de Castro, rico comerciante, muito conhecido pelos importantes serviços prestados à comunidade e que o acompanhou nas visitas pela povoação, especialmente pelo alto da colina onde tinha sido construída a capelinha do Patrocínio, de onde se tinha “uma vista deleitosa e agradável” de toda Vila.



O largo do Chafariz: quadro a óleo - Maria Amália

A chegada de um viajante na pacata e provinciana cidade representava uma quebra da monotonia do seu cotidiano. Mais ainda para o jovem escritor local, com a oportunidade rara de travar novos conhecimentos e fazer novos e importantes contatos, desta vez com um escritor do Rio de Janeiro. Por outro lado, Zaluar tinha conhecimento de seu trabalho pelos jornais da Corte e ficou contente por conhecê-lo pessoalmente.

O encontro dos dois escritores foi imaginado e assim descrito pelo escritor Brito Broca:

“No dia seguinte, o jovem provinciano, todo emocionado, apresentava-se a Emílio Zaluar, e durante o curto espaço de tempo que este permaneceu em Silveiras, não o deixou um só instante. Conversar sobre literatura! Até que enfim tinha alguém ali com quem podia expandir-se. ...Então, Vicente Félix de Castro pede licença para ler algumas de suas últimas produções. O forasteiro ouve com paciência e simpatia. Afinal, é preciso continuar a viagem, e numa manhã de sol, depois de despedir-se afetuosamente do jovem confrade, Zaluar desaparece na curva da estrada. Vicente Félix fica pesaroso, cheio de uma profunda melancolia. Lá ia o escritor do Rio, levando toda a atmosfera da vida literária da Corte que por alguns dias, trouxera à cidadezinha do interior. O rapaz olha as ruas quase desertas, os velhos casarões, um tipo popular a dobrar a esquina, a existência quotidiana na sua modorra implacável, e sente o horror do exílio, a mesquinhez de um destino que ele vivia sonhando fazer grande e belo.”(11)

“A amizade brotou entre ambos. Zaluar registrou o fato em sua obra, escrevendo: “travei por esta ocasião amizade com o Sr. Vicente Felix de Castro, moço modesto e aproveitável talento, cujo nome é já vantajosamente conhecido do público pelos seus romances publicados no Correio da Tarde. É com prazer que faço menção de nossas relações, e oxalá que este insignificante tributo do meu apreço pela sua inteligência seja um incentivo eficaz para o animar na carreira que temerosos, mas com tanta esperança, encetou!” (12)

O escritor reconhecido

O contato entre os escritores permite afirmar que no início dos anos 60 Vicente Felix era um escritor conhecido e reconhecido, pelo menos nas rodas literárias e entre os leitores dos jornais do Rio de Janeiro e de Guaratinguetá.

Com muito ânimo continuou a escrever e a publicar seus romances. Em 1864 publica Misérias da Actualidade, pela Typografia Imperial de J.R. de Azevedo Marques, em São Paulo. Deles existem dois volumes (2 e 3) na seção de obras raras da Biblioteca Central da Unicamp.

No ano de 1869 lançou o livro História de Um Voluntário Paulista (ou Da Pátria, como aparece em outro tomo), que aparece também com a data de 1871, em volume único, com 214 páginas, publicado pela do Echo Bananalense, de J. A. Bittencourt, que funcionava na Rua

da Misericórdia, número 13, em Bananal. O romance foi dedicado ao Conde D'Eu a quem conheceu pessoalmente juntamente com a princesa Isabel. Isso aconteceu quando o casal imperial passou por Silveiras na sua viagem de volta de Lorena para o Rio de Janeiro, em dezembro de 1868. Retornavam à corte para atender ao chamado de d. Pedro II. O príncipe iria assumir o comando das tropas brasileiras em guerra contra o Paraguai. Segundo a tradição local o casal imperial teria pernoitado na residência de Vicente Felix, no largo do Chafariz.

Em setembro de 1872 escreveu o artigo Uma Página da Revolução de 1842 na Província de São Paulo que foi posteriormente publicado no Almanach Litterario de São Paulo para o ano de 1878, nas páginas 168 a 171.

Em 1873 lança um de seus mais notáveis romances: Os Homens de Sangue ou os Sofrimentos da Escravidão, publicado pela Typografia Cinco de Março na cidade do Rio de Janeiro.

Mudanças na vida pessoal

Os anos 70 marcaram o auge da carreira do escritor, acompanhado de mudanças na sua vida pessoal e pelas dificuldades financeiras que o acompanhariam até a sua morte em 1878.

Depois de se manter viúvo por vários anos casa-se pela segunda vez, provavelmente em 1871, com Maria Carlota de Castro. Vieram então três novos filhos: Alberto, nascido em 1872; Rita, nascida em 1873 e Julieta, nascida em 1877.

Com família numerosa e com emprego de tabelião numa pequena cidade do interior, Vicente Felix tinha dificuldades para publicar seus trabalhos. Por isto recorreu aos jornais e a amigos. Como fez em agosto de 1860 o pedido de apoio à publicação de seu romance ao político regional de grande prestígio na Corte José Vicente de Azevedo. Recebeu como resposta uma carta onde era confirmado o apoio e que tudo faria em favor dos romances, tendo escrito à corte a respeito e pedindo que o incluísse na “lista de assinantes”. (13) Assim a edição de seu livro publicado no Rio de Janeiro contém nas últimas páginas a lista de subscritores, aqueles que pela promessa de aquisição de um ou mais exemplares do livro tinham tornado exequível a sua publicação. Esta era uma prática muito usada no Brasil diante das dificuldades financeiras dos autores, do fraco mercado do livro num país rural, com fraco desenvolvimento educacional e altas taxas de analfabetismo.

Quando de seu falecimento, pelo seu inventário podem-se notar as dificuldades financeiras em que se encontrava. Os bens ali arrolados eram “de pouca valia e na sua maior parte “condicionais”. (14)

Entre os bens de pouca valia suplicados pela viúva e seus três filhos ainda muito pequenos foram arrolados: um relógio de prata e corrente do mesmo, uma estante, bens de maior valor avaliados em 30 e 35 réis respectivamente, seguido de nove cadeiras de palhinhas usadas, um relógio de mesa, uma marquesa forrada de palhinha, uma cadeira preguiçosa, uma camisa branca de malha branca e outros objetos de uso pessoal e móveis da casa de menor valor.

Os bens de maior valor, como uma morada de casas, recebida em doação em 1858 do irmão Francisco Felix de Castro e sua esposa Lucinda Maria Ribeiro, localizada na rua Direita e que se estendia até o ribeirão Silveiras e a gráfica comprada com dinheiro doado pelo mesmo irmão para a filha Anna de Castro, cada um avaliado no valor de 450 e 400 réis respectivamente achavam-se “condicionadas” para o pagamento de dívidas contraídas.



A cidade de Silveiras no início do século XX. À esquerda o largo do chafariz e residência dos Felix de Castro. No alto, à direita a Capela do Patrocínio. À direita o largo da Matriz

Ao finalizar este trabalho feito com a intenção de tornar conhecido aspectos da vida e da produção literária de Vicente Felix de Castro nota-se claramente que a grande herança deixada pelo primeiro grande escritor do Vale do Paraíba foi a sua enorme contribuição para a literatura nacional. Quer pela quantidade de obras publicadas entre os anos de 1859 a 1873 e conhecidas entre nós, ou seja, três romances publicados em jornais, quatro livros, um deles em quatro volumes, um romance ainda desconhecido e o artigo sobre a Revolução de 1842.

Quer também e principalmente pelo ineditismo e repercussão que teve em sua época a ponto de ser conhecido como “O pai do romance paulista” e “o precursor do romance da escravidão”

Notas

- 1- Blacke, 1970, 358
- 2- Sodero Toledo, 2010
- 3- Miranda Alves, 1977, 7
- 4- Vicente F. de Castro, 1872
- 5- Sodero Toledo, 1993,115
- 6- Miranda Alves, 1977,49
- 7- In Sodero Toledo, ob cit, 118
- 8- Castro, 1872
- 9- Castro, 1872
- 10- Castro, 1872
- 11- Jornal O Lince, no.43
- 12- Zaluar, 1864,
- 13- Queiroz, 1969,154
- 14- Inventario de V.F. de Castro, p.3

Referências

Fontes Primárias

- Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena
- Arquivo Histórico e Pedagógico Major Novaes de Cruzeiro. Inventário e Partilha de Bens de Vicente Félix de Castro. Comarca de Silveiras, Cartório do 2º. Ofício, no. de ordem 532, caixa 20 de 4/10/1878
- Arquivo do Cartório da cidade de Silveiras

Bibliográficas:

- BLAKE, Sacramento. Dicionário Bibliographico Brasileiro. Vol.7. São Paulo: Conselho Federal de Cultura, reimpressão em off-set., 1970, p. 358.
- MENEZES, Raimundo de. Dicionário Literário Brasileiro (5 volumes). São Paulo, Ed. Saraiva, 1969, vol. 2, p. 343, il.
- MELO, Luis Correa de. Dicionário de Autores Paulistas, p. 145.
- QUEIROZ, Carlota Pereira de. Vida e Morte de um Capitão Mór. São Paulo: Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, 1969.
- SILVEIRA, Carlos da. A Propósito da Revolução Paulista de 1842. Revista do Arquivo Municipal, no. 13, 1935, p. 33-45.
- SODERO TOLEDO, F. O Espírito Liberal e a Vitória do Conservadorismo. In Vale do Paraíba: Política e Sociedade. Aparecida: Editora Santuário, 1993, p. 110-124.

Estrada Real: Caminho Novo da Piedade. Campinas: Editora Alínea, 2010

- ZALUAR. Emílio A. Peregrinação pela Provincia de São Paulo (1860-1861). São Paulo: 1954.

Obras específicas de autoria de Vicente Felix de Castro:

- CASTRO, Vicente Felix de. Os Mystérios da Roça. 4 vol. Guaratinguetá, Typ. Comercial de V. R. da Fonseca, 1861.

. História de um Voluntário Paulista. Bananal: Typ. Echo Bananalense, 1871.

. Os homens de sangue ou Os soffrimentos da Escravidão. Tomo I (225 p.), Tomo II (199 p.) Rio de Janeiro: Typografia cinco de março, Rua do Lavradio, 1873.

. Uma página da revolução de 1842 na província de S. Paulo. In Almanach Litterario de São Paulo para o anno de 1878. Publicado por José Maria Lisboa, Typographia da Província de São Paulo, 3º. Anno, 1877.

Webbliográficas:

PRADO, Daniela. Mistérios de Silveiras. Jornal O Lince, no. 38, março/abril de 2011. In <http://www.jornalolince.com.br/2011/arquivos/letras-misterios-silveiras-www.jornalolince.com.br-edicao038.pdf>. Obtido em 15/5/2012

BRITO BROCA. Pela Província de São Paulo. Jornal O Lince, no.43, jan./fev.2012. In <http://www.jornalolince.com.br>. Obtido em 15/05/2012

- Estudo apresentado no XXVI Simpósio de História do Vale do Paraíba. Cachoeira Paulista, 2012.

- Revisão: 2018